



Cadernos de História da Educação, v.25, p.1-4, e2026-26, 2026
ISSN: 1982-7806 (on-line)

<https://doi.org/10.14393/che-v25-e2026-26>

RESENHAS

Arqueologia da Faculdade de Educação da USP

Archaeology at the Faculty of Education, University of São Paulo

Arqueología de la Facultad de Educación de la USP

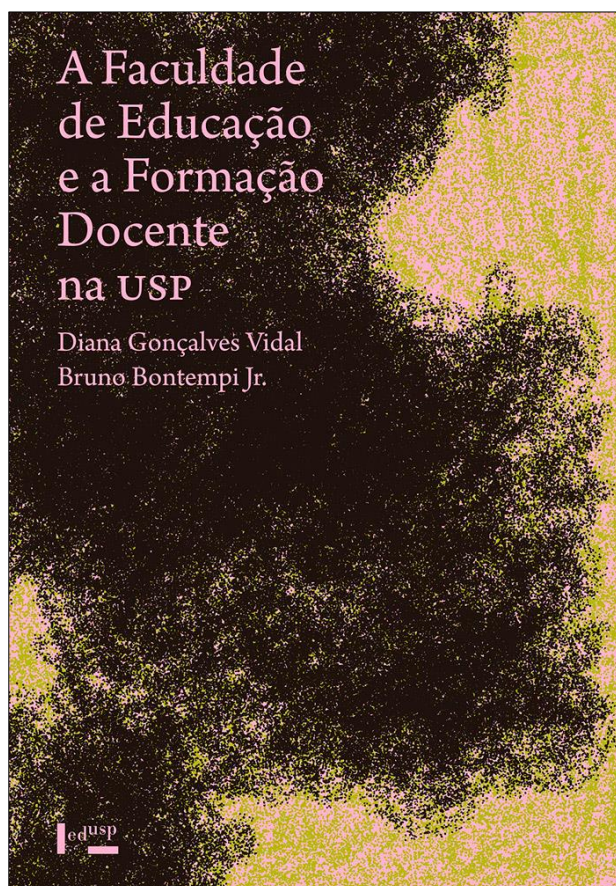
Norberto Dallabrida

Universidade Federal de Sergipe e Universidade de São Paulo (Brasil)

<https://orcid.org/0000-0002-5100-2028>

<http://lattes.cnpq.br/7488521314793134>

norbertodallabrida@gmail.com



VIDAL, Diana Gonçalves; BONTEMPI JR., Bruno. *A Faculdade de Educação e a Formação Docente na USP*. São Paulo: Edusp. 2025.

Recebido: 15/04/2026

Aprovado: 14/05/2026

Em 2024, a Universidade de São Paulo – USP celebrou o seu nonagésimo aniversário por meio de diversificados eventos promovidos pela “Comissão para as Comemorações dos 90 anos da USP”. Uma das iniciativas mais instigantes desta comissão, em parceria com a Edusp, foi a publicação de vários livros sobre diferentes dimensões da história da USP, selecionados por meio de edital público. Um dos ensaios escolhidos tornou-se o livro “A Faculdade de Educação e a Formação Docente na USP”, de Diana Gonçalves Vidal e Bruno Bontempi Jr., publicado em 2025. Trata-se de produção da “prata da casa” porque os dois autores são docentes de história da educação da FEUSP, e aproximaram as suas *expertises* para comporem uma trajetória institucional da faculdade onde ensinam e pesquisam. Enquanto Diana lançou mão dos seus conhecimentos acerca da história da formação docente, Bruno movimentou as suas pesquisas sobre a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. O resultado é um livro fluente e consistente, que apresenta várias camadas históricas nas aproximadamente seis décadas de existência da FEUSP. Construída por meio de garimpagem de bibliografias e de fontes escritas e imagéticas, esta arqueologia institucional não justapõe camadas históricas, mas as concebe atravessadas por tensões e de modo imbricado.

Depois de uma introdução concisa, que confessa o desejo de reunir as várias partes do *puzzle* da história da FEUSP, o primeiro capítulo, intitulado “O Instituto de Educação de São Paulo: tradição esquecida da origem da USP”, realiza uma análise da escavação mais profunda da FEUSP. Aqui é apresentada a conjunção histórica que resultou na fundação da USP, em 25 de janeiro de 1934 – dia do aniversário de São Paulo. Este processo teve inícios parciais nos anos de 1920, mas foi precipitado pelos desdobramentos do golpe de 1930 como a promulgação do Estatuto das Universidades Brasileiras, o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* e, especialmente, pela Revolução Constitucionalista de 1932 – citada *en passant* – que amalgamou a “comunhão paulista” que, segundo Irene Cardoso, impulsionou a criação da USP. Apoiada nas reflexões de Fernando Limongi, o livro de Diana e Bruno focaliza a importância decisiva do grupo de intelectuais e políticos que instituiu a USP, que gravitava em torno do jornal *O Estado de São Paulo*, com destaque para Júlio de Mesquita Filho, o proprietário do periódico, e Fernando de Azevedo, um professor engajado na luta pela instrução pública paulista e nacional.

De outra parte, ainda neste capítulo, é constatado como o Instituto de Educação de São Paulo, dirigido por Fernando de Azevedo, se tornou um dos dez institutos oficiais no documento fundador da USP. Nesta direção, os autores afirmam: “Cumprindo o proposto no *Manifesto* de 1932, em 1934, o Instituto de Educação de São Paulo seria incluído na nascente Universidade de São Paulo”. Todavia, continuou a funcionar no icônico prédio da Escola Normal da Praça da República. O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* defendia a formação universitária dos professores em geral e, nesta perspectiva, o Instituto de Educação integrado à USP concretizaria, de forma pioneira no Brasil, esta utopia. No entanto, em meados de 1938, no início da ditadura estadonovista, o Instituto de Educação foi extinto e os seus professores foram agregados à USP. À maneira de conclusão deste capítulo, Vidal e Bontempi Jr. (2025, p. 48) asseveram que “recuperar esta tradição esquecida nos ajuda a compreender que, desde a sua origem, a USP pretendeu ser uma instituição de formação docente”. Sim, porque o Instituto de Educação preparava profissionais para atuarem tanto no ensino primário como no ensino secundário.

No segundo semestre de 1938, meia dúzia de professores catedráticos do Instituto de Educação e alguns de seus assistentes migraram para a Seção de Educação (depois Seção de Pedagogia) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP, o que não se deu sem constrangimentos. A FFCL era formada por docentes da missão francesa, que primavam pela “cultura desinteressada” e receberam com desconfiança e até com preconceito os professores das disciplinas pedagógicas de cunho profissional. Sob o título “A Seção de Educação/Pedagogia da Faculdade de Filosofia: tempos de transição e afirmação”, o segundo capítulo constata esta diferença acadêmica, mas explora ainda mais a tonificação do ensino e da investigação na Seção de Pedagogia da FFCL. Nesta direção, relata trajetórias acadêmicas de alguns professores como Amélia Americano de Castro, Maria José Garcia Werebe, Noemi Silveira Rudolfer e Laerte Ramos de Carvalho. As duas primeiras publicaram vários artigos na *Revista de Pedagogia*, criada, em 1955, pelo professor Onofre de Arruda Penteado Júnior como titular da Cadeira de Didática e Didática Especial e tiveram atuação intensa no Colégio de Aplicação da FFCL da USP, estabelecido nos dois anos seguintes. Elas estiveram em lado opostos na crise do Colégio de Aplicação de 1967, que envolveu intervenção militar na greve dos estudantes e levou ao fechamento desta escola inovadora. Enfim, como o Colégio de Aplicação era voltado ao ensino secundário, este capítulo reflete sobre as inovações e os impasses deste nível de escolarização contextualizado em nível (trans)nacional.

O capítulo “O Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo e o campo do ensino primário”, terceiro a compor o livro, estuda as transformações na Seção de Pedagogia da FFCL da USP durante os anos 1950 e 1960. Inicia contextualizando o momento do imediato pós-guerra marcado pela criação da UNESCO, um órgão multilateral que pautou a agenda internacional da educação. Como membro da Seção da Educação da UNESCO, Anísio Teixeira articulou um convênio entre esta instituição e o INEP, resultando na criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), constituído por cinco centros regionais, localizados em importantes capitais. O CRPE da região formada pelos estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Paraná foi instalado, em 1956, na USP, e o seu primeiro diretor foi Fernando de Azevedo. Esta parte do livro explora as ligações umbilicais entre o CRPE-SP e a Seção de Pedagogia da FFCL da USP, particularmente em prol da investigação do ensino primário, cujos resultados, em boa medida, foram publicados em *Pesquisa em Planejamento* – periódico do CRPE-SP. Nesta direção, são apreciadas iniciativas do CRPE-SP como seminários para professores primários, cursos para docentes da América Latina, mobilidade de pesquisadores brasileiros para vários países com bolsas de estudo, a estada de investigadores do estrangeiro em São Paulo e a celebração de convênios com instituições internacionais, bem como a gestão de uma escola de experimentação – hoje Escola de Aplicação. Com o golpe militar, o CRPE-SP foi sufocado especialmente por meio da suspensão de convênios que lhe garantiam vida dinâmica.

O último capítulo, que tem por título “A Faculdade de Educação: atualizações de um compromisso original”, explora a FEUSP no tempo recente, iniciando pela sua instituição em 1º de janeiro de 1969, sendo instalada no *campus* Butantã, no edifício no qual funcionava o CRPE-SP. Não se tratava somente da conquista de autonomia do campo pedagógico da USP, mas de mudanças estruturais como a abolição das cátedras/a criação de departamentos como unidades acadêmicas e a instituição da pós-graduação *stricto sensu*, determinadas pela Reforma Universitária de 1968 – de inspiração norte-americana. Sob a direção de Laerte Ramos de Carvalho, a FEUSP organizou os seus departamentos e, em 1971, criou o mestrado em educação e, sete anos depois, o doutorado homônimo. Nos anos de chumbo, Vidal e

Bontempi Jr. (2025, p.121) citam fatos traumáticos ocorridos na USP como “o ataque e incêndio à sede da FFCL, na rua Maria Antônia; o cerco da polícia à Cidade Universitária; [...] os expurgos de docentes, a cassação do reitor e o assassinato de 39 estudantes, seis professores e dois funcionários da universidade”. Na FEUSP houve casos de professores que colaboraram com governos militares, e outros foram perseguidos e tiveram que se autoexilar, especialmente a partir da vigência do AI-5.

De outro lado, com a abertura política, a FEUSP passou por um *aggiornamento* pedagógico em conexão com ideias e experiências educacionais de outros países, tonificando a sua internacionalização. É citado, oportunamente, o Convênio estabelecido entre a USP e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), ao qual foi integrado o Programa de Pesquisas sobre Cultura Escolar Brasileira, coordenado pelo professor José Mário Pires Azanha, que viabilizou a mobilidade de pesquisadores estrangeiros ao Brasil e de pesquisadores uspianos em outros países, particularmente na França e nos EUA. É interessante pensar que antes da publicação do artigo seminal de Dominique Julia, a FEUSP já trabalhava o conceito de cultura escolar. Na conclusão do livro, são indicadas ações afirmativas, implementadas na FEUSP na última década, em relação a pessoas pretas, pardas, indígenas, com deficiência e transgênero, bem como a criação de uma disciplina sobre história e cultura afro-brasileira e indígena, recontextualizando políticas públicas vigentes em nível nacional.

Os livros institucionais geralmente descambam para a romantização, mas não é o caso do trabalho escrito a quatro mãos pelos professores Diana e Bruno. A trajetória da Faculdade de Educação da USP descrita e analisada neste livro comemorativo é transversalizada por interesses pessoais e de grupos de docentes e pesquisadores que geraram conflitos e impasses, como é próprio de um subcampo do campo acadêmico – no sentido bourdieusiano. O *Leitmotiv* do livro sobre a história da FEUSP é a formação docente, tema que sempre esteve no centro da pauta educacional brasileira, porque quem faz a diferença na educação escolar é um/a professor/a eficaz. E a Faculdade de Educação da USP tem um estoque de ideias e experiências que podem nos inspirar nos desafiadores dias que correm.